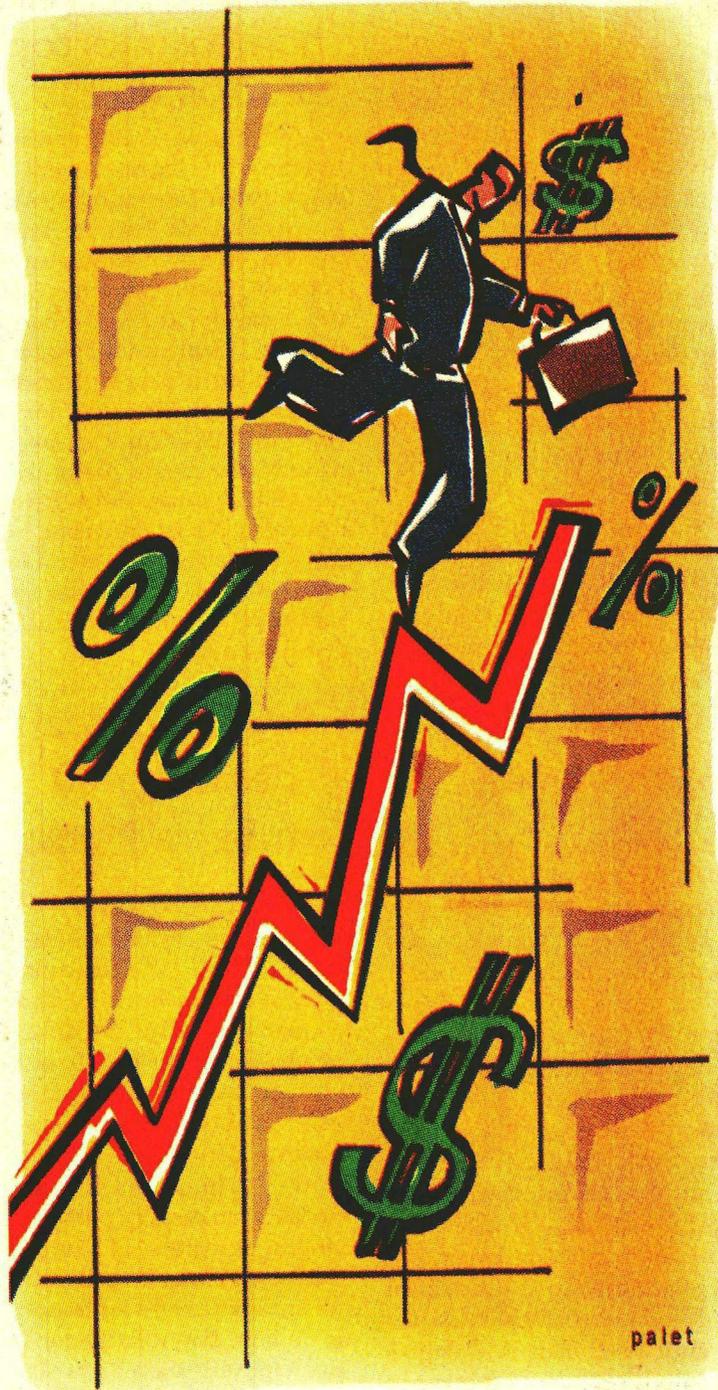


Retomada da produção começa já



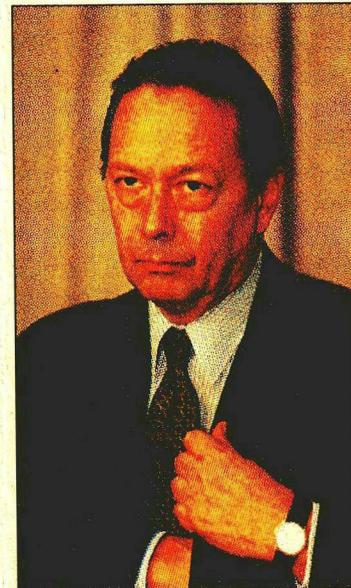
palet

Loucuras no câmbio, alta do desemprego, medo da volta da inflação. Tudo indica que o conjunto concentrado de adversidades de 1999 estarão enterradas com a chegada do ano 2000. O otimismo do Governo (refletido no acordo com o Fundo Monetário Internacional - FMI) prevê recuperação da produção, com crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) em 4% durante os próximos 12 meses. A inflação, medida pelo IPCA, deve ficar em torno de 6%. Os fatores que levam o Governo a traçar um cenário mais calmo para o ano envolvem a recuperação dos saldos na balança comercial, a própria mudança do câmbio, que facilita a entrada de capital estrangeiro e também o aumento das exportações, e à melhor imagem do Brasil no exterior, gerando a atração de investimento.

Até mesmo o Banco Central (BC) mantém perspectivas otimistas, mas não tanto quanto os índices oficiais do Ministério da Fazenda. O BC aposta que as tarifas vão subir mais do que o esperado, em 9,2% no ano, ampliando a perspectiva de inflação. Só essa projeção sobre as tarifas teria um impacto de 2,3% na inflação do ano. O aumento no custo de vida ainda preocupa, até porque trata-se de meta firmada com o FMI. O acordo prevê que a inflação acumulada em 12 meses deve ficar em 7% no segundo tri-

mestre e em 6,5% no terceiro trimestre. Se a meta for ultrapassada em dois pontos percentuais, parte da ajuda de US\$ 41,5 bilhões do FMI pode ser bloqueada. E o BC teme que a inflação passe desses patamares, justamente por causa da alta das tarifas.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) é um pou-



Malan: o homem forte

co mais cautelosa que o Governo, mas ainda assim projeta números bem mais generosos do que os que foram registrados em 1999. Conforme a Unidade de Política Econômica da CNI, a inflação em 2000 fica em 7%, com crescimento de 3% no PIB. O Conselho Federal dos Economistas (Cofecon) prevê um crescimento de 3,3% no PIB. O des-

taque, conforme o Cofecon, será a indústria, com ampliação de 4% (a mesma projeção da CNI), seguida pela agropecuária, com expansão de 3,5%. Na lanterna, os serviços, com crescimento de 2,5%.

O desemprego, entretanto, não deve ceder na mesma velocidade com que a produção recupera espaço. O desemprego cede, mas pouco, com taxa de 7,3% no ano, ou seja, 0,2% a menos do que foi registrado em 1999, de acordo com projeções da CNI. O Conselho dos Economistas aposta em 7,5% de desemprego. O presidente do Cofecon, Antônio Corrêa de Lacerda, adverte que a retomada da produção é muito tímida para derrubar o alto índice de desempregados.

Um dos principais entraves para a retomada mais forte da produção são os altos juros, e há poucos sinais de que as taxas cairão - pelo menos significativamente - durante 2000. O Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) afirma que há pouco espaço para novas quedas na taxa de juros no próximo ano. Isso confirma previsão do mercado, que estima entre 18% e 17% a taxa média de juros no ano que vem. Na última reunião do Copom, foi decidido manter a taxa Selic (que baliza as operações nacionais) em 19% ao ano, como estratégia para que o país atinja as metas de inflação acertadas com o FMI para o período entre 1999 e 2001.

2000